

A FILOSOFIA E A VIDA MILITAR*

ÁLVARO CLARO DE PAIVA DIAS NEGRÃO**
Capitão de Fragata (MD)

SUMÁRIO

Introdução
Juramento
Oficialato
Tradição e modernidade
Conclusão

INTRODUÇÃO

A Escola Naval garante uma formação filosófica para os futuros Oficiais da Marinha do Brasil por meio da disciplina de História do Pensamento Humano (HPH).

Essa disciplina é ministrada aos aspirantes do primeiro ano, desde o ano 2000, e seu objeto de conhecimento é a história da filosofia. Em um contexto geral, o ensino de filosofia frequentemente causa estranheza a uma quantidade considerável de

* N.R.: Artigo publicado na *Revista de Villegagnon* nº 10/2015.

** Licenciado em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); graduado em Medicina pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).



Cerimônia de entrega do espadim aos aspirantes

pessoas, basicamente pela dificuldade em se perceber, de modo imediato, uma “utilidade” que o justifique. Estranheza maior pode ser experimentada por alguns no que diz respeito ao ensino de filosofia em uma instituição de formação militar.

Não é difícil reconhecer a relevância da filosofia em uma esfera mais ampla, à medida que se dê conta de que ela promove o exercício do bom e correto senso por meio da reflexão crítica e lógica sobre inúmeros assuntos. Já o reconhecimento da importância da filosofia em uma escola militar requer uma consideração algo mais sofisticada. De qualquer modo, esse reconhecimento é facilmente alcançado pela compreensão de alguns exemplos de reflexões filosóficas aplicadas a algumas esferas da vida militar, em geral, e da vida naval, em particular. O presente artigo irá brevemente abordar pontos como juramento, oficialato e como a reflexão crítica catalisa as relações entre tradição e modernidade. Nesses pontos, a filosofia se infiltra no pensamento militar, podendo mesmo corresponder à sua base.

JURAMENTO

A palavra “juramento” foi incorporada à língua portuguesa a partir do termo, em latim tardio, *juramentu*. O substantivo latino já pode ser encontrado em textos escritos por Plutarco, Suetônio, Lucrécio, Cícero, Sêneca e mesmo nas *Meditações* do general, imperador romano e filósofo estoico Marco Aurélio. O significado do substantivo usado pelos romanos é praticamente o mesmo do português contemporâneo: promessa solene, ideal absoluto, doutrina a ser devotada etc. Contudo o termo romano é uma possível tradução de um termo grego *ὄρκος* – (*Órkos*), provavelmente efetuada muitas décadas antes da grande consolidação do idioma latino, que ocorreu de Cícero em diante.

Nos textos gregos, desde o período homérico (assim como nos períodos anteriores, tanto na forma jônica quanto na dórica), o substantivo *ὄρκος* traduz um conceito muito mais denso do que uma simples “promessa solene”. A raiz etimológica do termo é muito

antiga, existente séculos antes do aparecimento da própria filosofia. A maioria dos lexicógrafos do idioma grego antigo crê em um vínculo direto com Orco, uma entidade divina do submundo, muito temida por ser extremamente aparentada com o próprio Hades e seu reino dos mortos.

Nesse contexto original (que não era desconhecido pelos filósofos da Grécia Antiga), um juramento tinha o significado de esconjurar algo a um poderoso nume das esferas infernais. Desse modo, o significado primeiro não é uma simples “promessa solene”, mas a afirmação de alguma coisa perante o testemunho de uma divindade

formidável. A quebra dessa afirmação traria, imediatamente, consequências de um horror além da imaginação humana. Para muitos dos antigos gregos (Hipócrates, por exemplo), jurar era amaldiçoar a si próprio. Isso porque o sujeito abriria mão de todo o querer individual e se acorrentava, para a eternidade, ao que havia afirmado a Orco.

A natureza mítico-religiosa do juramento modificou-se após o surgimento da filosofia, especialmente após o período tardio (romano) do estoicismo. O terror sobrenatural do juramento se transformou em compromisso ético. O medo religioso cedeu lugar ao senso filosófico de moral. Seja como for, apresenta-se como uma percepção muito forte para a consciência de cada um. Sempre engalanadas, as cerimônias de entrega de espadas e espadins aos nossos futuros oficiais são momentos filosóficos. Nossos jovens não juram por medo, mas por postura filosófica, juram pela vontade de cumprir um compromisso moral com o Brasil.

OFICIALATO

Oficialato não é um conceito militar, mas filosófico. Os filósofos estoicos da Grécia Antiga (com destaque para Zenão de Cítio) acreditavam que, para se alcançar a felicidade, os seres humanos deviam seguir sua própria natureza. Muito além de Aristóteles (que definiu a racionalidade como o cerne da natureza humana) e muitos séculos antes de Kant (que havia considerado o senso humano de moral como um imperativo categórico), os estoicos determinaram que a natureza do homem era a de um ser racional e moral. Consequentemente, seria impos-

sível a um sujeito ser feliz sem a execução de “ações moralmente corretas”.

A partir desse ponto, os filósofos estoicos estabeleceram um novo conceito. A ação moralmente correta recebeu o nome de

Os aspirantes juram por postura filosófica, juram pela vontade de cumprir um compromisso moral com o Brasil

Καθέκον – (Kathêkon), termo que pode ser traduzido para o latim *Officium* e que derivou substantivos como “oficialato” e “oficial”. É curioso reparar como “oficial” (na acepção militar da palavra) é traduzido para o inglês como *officer*, para o francês como *officier*, para o alemão como *offizier* – o sufixo destacado já indicando que se trata de um agente, de um executor, e não de um estado ou condição. Antes do estoicismo praticado no Império Romano (não por acaso, a maior potência militar de todos os tempos), já havia o conceito de “chefe militar”, mas não o de “oficial militar”.

No interior de um conjunto militar, qual seria a diferença entre um combatente “oficial” e outro que não possui tal *status*? Oficial não é aquele que possui mais dinheiro, nem mais conhecimento, nem mais liderança, nem mais bravura. Um oficial

é um elemento diferenciado dos demais porque ele é a referência, reserva e salvaguarda moral de todos os outros militares a ele relacionados. A responsabilidade moral, imprescindível ao oficialato, não é somente funcional, mas, sobretudo, filosófica.

TRADIÇÃO E MODERNIDADE

Em qualquer atividade cultural, existe um balanço entre tradição e modernidade. Balanço nem sempre tranquilo, tendendo mesmo, na maior parte das vezes, a um

conflito. A tradição pode ser tomada como retrógrada; e a modernidade, como subversiva. Para uma instituição militar, como a Marinha do Brasil (MB), é imperativo que esse balanço não somente seja isento de conflitos, mas que, sobretudo, ofereça à nação uma absoluta confiança.

No dia a dia, muitos militares podem não perceber integralmente que a chave para a solução de questões que concernem

**A responsabilidade moral,
imprescindível ao oficialato,
não é somente funcional,
mas, sobretudo, filosófica**

ao tema “tradição *versus* modernidade” é a adoção de uma postura crítica, a análise dos limites e das possibilidades de um determinado ponto em questão. Frequentemente interpretada como simples “bom senso”, trata-se de uma postura racional, reflexiva. Preparar filosoficamente os nossos aspirantes para sistematicamente pensar de modo

crítico é assegurar a continuidade de toda a história de equilíbrio entre tradição e modernidade da Marinha do Brasil.

CONCLUSÃO

A filosofia por vezes parece algo decorativo, distanciado do dia a dia, especialmente daqueles que são preparados para combater e garantir a integridade da nação. Mas a vida militar está cercada de filosofia por todos os lados. Juramentos, ações morais, reflexões críticas são armas invisíveis. A filosofia não fortalece a Marinha do Brasil. Quem fortalece a MB são seus militares. A filosofia apenas fortalece os militares.

📁 CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:
<ARTES MILITARES>; Princípios; Valores; Formação;

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COPLESTON, F. *A History of Philosophy*. New York: Doubleday, 1947.
 EDWARDS, P. *The Encyclopedia Of Philosophy*. London: Macmillan, 1967.
 HISSLER, S. *Das Militar in der Postmoderne: Elemente des Wandels*. Berlin: Grin, 2001.
 INWOOD, B. *The Stoics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
 MIGNOT, B. *Il était une fois des Militaires: Chronique d'une Mutation*. Paris: L'Harmattan, 2009.
 SHERMAN, N. *Stoic Warriors: The Ancient Philosophy Behind The Military Mind*. New York: Oxford University Press, 2005.